

ESPOROTRICOSE FELINA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Letícia Colin PANEGOSSÍ;
Tereza Cristina CARDOSO.

Palavras Chaves: Esporotricose Felina, *Sporothrix* spp., Gatos, Zoonose

A esporotricose é uma infecção fúngica ocasionada pelo complexo *Sporothrix*, sendo a espécie *Sporothrix brasiliensis* a de maior importância para cães e gatos no Brasil (GREMIÃO *et al.*, 2017). Os felinos exercem um papel epidemiológico importante na disseminação da doença, sobretudo machos não castrados e com livre acesso à rua, devido ao hábito de arranhar árvores, cobrir os dejetos com terra e demarcação territorial (LARSSON, 2011). A transmissão aos seres humanos ocorre por meio de mordeduras e arranhaduras de animais infectados (GREENE, 2015), mas atividades que envolvem maior contato com a terra apresentam risco ocupacional (CAUS *et al.*, 2019). A infecção ocorre após traumas que possibilitem a introdução do fungo no tecido subcutâneo, originando lesões localizadas, cutâneo-linfáticas ou disseminadas (FARIAS *et al.*, 2016). Em geral, as lesões são observadas na cabeça, plano nasal, pavilhão auricular, porção distal de membros e base da cauda (FARIAS *et al.*, 2016). Apresentam ulceração central, aspecto gomoso e drenam exsudato sero-sanguinolento a purulento (SILVA & BENTUBO, 2021). Nos felinos, a disseminação das lesões para outras regiões do corpo ocorre pela autoinoculação como resultado do hábito de higiene inerente à espécie (LAPPIN, 2015). O diagnóstico da esporotricose pode ser realizado por meio da anamnese, sinais clínicos, exame físico, citopatologia e cultura fúngica, de modo que esta última é considerada padrão ouro. A citopatologia pode ser empregada como método de triagem, com alta sensibilidade para a espécie felina, a partir de amostras obtidas de *swabs*, *imprint* ou aspiração com agulha fina das lesões, sendo fixadas em lâminas e imediatamente coradas com ácido periódico de Schiff (PAS) ou prata metenamina de Grocott-Gomori (FARIAS *et al.*, 2016). Para a realização da cultura fúngica, deve-se realizar o cultivo sob duas temperaturas distintas em função do dimorfismo das espécies de *Sporothrix*, mimetizando o que ocorre no ambiente e entre os susceptíveis (RODRIGUES *et al.*, 2014). Quando cultivado em ágar Sabouraud, à temperatura de 25 °C, é possível visualizar a forma filamentosa, com colônias de coloração creme no início e que se tornam enegrecidas após alguns dias (SCHECHTMAN *et al.*, 2022). Na microscopia, observam-se hifas e conídios ovoides aglomerados em um padrão semelhante à “pétalas de margarida” (FARIAS *et al.*, 2016; SANTOS *et al.*, 2018). Quando cultivado em ágar infusão cérebro-coração (BHI), à temperatura de 37 °C, desenvolvem-se sob a forma leveduriforme, com colônias de aspecto cremoso e coloração branca ou amarelada (FARIAS *et al.*, 2016). O tratamento da esporotricose é baseado na utilização de iodetos e derivados imidazóis, de modo que o itraconazol é considerado o fármaco de escolha para a espécie felina (LLORET *et al.*, 2013). A terapia é considerada prolongada e deve ser mantida por até 30 dias após a remissão das lesões (LLORET *et al.*, 2013; ROCHA, 2014). Ainda não há vacinas disponíveis contra a esporotricose; desta forma, a orientação veterinária aos tutores sobre a importância da castração dos animais, posse responsável e potencial zoonótico desta e de tantas outras doenças são fundamentais para o correto controle e profilaxia (FARIAS *et al.*, 2016).

Referências Bibliográficas:

CAUS, A. L. O.; ZANOTTI, R. L.; FACCINI-MARTÍNEZ, Á. A.; PATERLINI, G. V.; FALQUETO, A. Epidemiological and Clinical Aspects of Sporotrichosis in Espírito Santo State, Southeast Brazil: A Study of Three Decades (1982-2012). *The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, v. 100, n. 3, p. 706-713, 2019.

FARIAS, M. R.; PEREIRA, A. V.; GIUFFRIDA, R. Esporotricose. *In*: MEGID, J.; RIBEIRO, M. G.; PAES, A. C. Doenças Infecciosas em Animais de Produção e de Companhia. 1ª ed. Rio de Janeiro: Roca, cap. 86, p. 918-928, 2016.

GREENE, C. E. Doenças Infecciosas em Cães e Gatos. 4ª ed. Roca, 2015.

GREMIÃO, I. D. F.; MIRANDA, L. H. M.; REIS, E. G.; RODRIGUES, A. M.; PEREIRA, S. A. Zoonotic epidemic of sporotrichosis: cat to human transmission. *PLoS Pathogens*, v. 13, n. 1, e1006077, 2017.

LAPPIN, M. R. Infecções micóticas multissistêmicas. *In*: NELSON R. W. & COUTO C. G. (Eds). *Medicina Interna de Pequenos Animais*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mosby Elsevier, p. 1356-1366, 2015.

LARSSON, C. E. Esporotricose. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.

LLORET, A.; HARTMANN, K.; PENNISI, M. G.; FERRER, L.; ADDIE, D.; BELÁK, S.; BOUCRAUT-BARALON, C.; EGBERINK, H.; FRYMUS, T.; GRUFFYDD-JONES, T.; HOSIE, M. J.; LUTZ, H.; MARSILIO, F.; MÖSTL, K.; RADFORD, A. D.; THIRY, E.; TRUYEN, U.; HORZINEK, M. C. Sporotrichosis in cats: ABCD guidelines on prevention and management. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 15, n. 7, p. 619–623, 2013.

ROCHA, R. F. D. B. Tratamento da esporotricose felina refratária com a associação de iodeto de potássio e itraconazol oral. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas – Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas, 2014.

RODRIGUES, A. M.; HOOG, G.; ZHANG, Y.; CAMARGO, Z. P. Emerging sporotrichosis is driven by clonal and recombinant *Sporothrix* species. *Emerging Microbes & Infections*, v. 3, n. 5, 2014.

SANTOS, A. F.; *et al.* Guia Prático para Enfrentamento da Esporotricose Felina em Minas Gerais. *Revista V&Z Em Minas*, n. 137, 2018.

SCHECHTMAN, R. C.; FALCÃO, E. M. M.; CARARD, M.; GARCÍA, M. S. C.; MERCADO, D. S.; HAY, R. J. Esporotricose: hiperendêmica por transmissão zoonótica, com apresentações atípicas, reações de hipersensibilidade e maior gravidade. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, v. 97, n. 1, p. 1-13, 2022.

SILVA, B. T. M.; BENTUBO, H. D. L. Esporotricose localizada em felino jovem: Relato de caso. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 17, e186101724648, 2021.